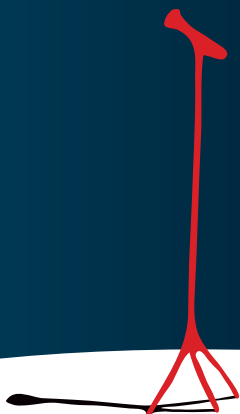


DAVID GROSSMAN

UM CAVALO ENTRA NUM BAR

ROMANCE

Prémio
Man Booker Internacional



D. QUIXOTE

David Grossman



UM CAVALO
ENTRA NUM BAR

David Grossman



UM CAVALO
ENTRA NUM BAR

Romance

Traduzido do hebraico por
Lúcia Liba Mucznik



D. QUIXOTE



Título: *Um Cavalo Entra num Bar*
Título original: *Sus echad nichnas lebar*
© 2014, David Grossman
© 2018, Publicações Dom Quixote
Edição: Cecília Andrade
Tradução: Lúcia Liba Mucznik
Revisão: Clara Boléo

Este livro foi composto em Rongel,
fonte tipográfica desenhada por Mário Feliciano
Capa: Rui Garrido
Fotografia do autor: © Kobi Kalmanovitz
Paginação: Leya, S.A.
Impressão e acabamento: Guide

1.ª edição: janeiro de 2018
ISBN: 978-972-20-6397-5
Depósito legal n.º 434 677/17

Publicações Dom Quixote
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal
www.dquixote.pt
www.leya.com

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.



Boa noite, boa noite, boa noi-i-te, Cesarei-aaa!!!

O palco ainda está vazio. O grito ecoa dos bastidores. Os presentes na sala começam a calar-se aos poucos e sorriem de expectativa. Um homem baixo e franzino, de óculos, voa para o palco de uma porta lateral como que atirado ou chutado de lá. Dá uns passos a cambalear pelo palco, tropeça, trava a queda com as mãos no chão de madeira e depois, num movimento brusco, projeta o traseiro para cima. Um riso difuso percorre o público e ouvem-se alguns aplausos. Ainda há pessoas a entrar vindas do átrio, a falar em voz alta. Minhas senhoras e meus senhores! Anuncia secamente um homem sentado junto da mesa de luz – palmas para Dova-leh G.! O homem no palco ainda está agachado numa posição simiesca, os grandes óculos à banda em cima do nariz. Vira devagar a cara para a sala, olha demoradamente, sem piscar os olhos.

Ah, resmunga, então parece que não é Cesareia, hã? Risos. Endireita-se aos poucos e limpa o pó das mãos. O meu

empresário voltou a lixar-me? Ouvem-se exclamações no público. O homem exhibe um olhar chocado: O que é? O que disseram? Tu aí na mesa sete, sim tu, parabéns pelo batom, fica-te muito bem! A mulher dá uma risada e tapa a boca com a mão. Ele está na beira do palco, a balouçar ligeiramente o corpo para a frente e para trás. A sério, beleza, disseste mesmo *Natania*? Arregala os olhos que quase encham as lentes dos óculos: Deixa-me ver se entendo, tens a lata de me dizer friamente que estou agora em *Natania*, e ainda por cima sem colete à prova de bala? Cruza as mãos à frente da braguilha com ar aterrado. O público berra de gozo. Aqui e ali silvam assobios. Entram mais alguns casais e atrás deles um grupo ruidoso de homens jovens, aparentemente soldados em licença. A pequena sala enche-se. Os conhecidos saúdam-se mutuamente. Três empregadas em *shorts* e *tops* violeta fluorescente saem da cozinha e circulam entre as mesas.

Vem cá, lábios, diz ele rindo para a mesa sete, ainda não acabei contigo, anda, vamos conversar um pouco... Não, porque tens o ar de uma rapariga séria e com um gosto original, a julgar pelo corte de cabelo interessante que te fez... deixa-me adivinhar, o arquiteto que nos deu as mesquitas do monte do Templo e o reator de Dimona? Risos no público. E, se não me engano, também farejo por trás muito cacau... Acertei ou não? O vil metal? Não? De certeza que não? Digo isto porque vejo aí também uma boa dose de botox e uma redução descontrolada dos seios. Por mim, cortava as mãos a esse cirurgião.

A mulher aperta os braços contra o corpo, tapa a cara com as mãos e solta por entre os dedos gritinhos de excitação.

Enquanto fala, o homem desloca-se rapidamente de um lado para o outro do palco, a esfregar as mãos e a perscrutar os assistentes na sala. Os tacões altos das suas botas de *cowboy* marcam o ritmo dos movimentos com uma batida seca de tambor. Explica-me apenas, boneca, grita ele sem olhar para ela, como é que uma rapariga inteligente como tu não sabe que uma coisa dessas deve ser dita à pessoa com tato, siso e bom senso? Não é lançando-lhe sem mais nem menos: «*Estás em Natania! Bum!*» O que é que te deu? Primeiro prepara-se o terreno, sobretudo quando se trata de um trinca-espinhas como eu. Levanta num movimento rápido a camisola desbotada e um suspiro perpassa pelo público. Então, não é assim? Vira o torso nu para os espectadores sentados à direita e à esquerda do palco e presenteia-os com um sorriso aberto. Viram? Pele e osso, a maior parte cartilagem, juro, se fosse um cavalo, já estava feito em cola, não é? Risinhos de embaraço e fungadelas de repulsa percorrem o público. Escuta, amor, volta a dirigir-se à mulher da mesa sete, para que saibas para a próxima vez, uma notícia dessas dá-se com precaução, primeiro adormece-se a pessoa. Anestesia, pelo amor de Deus. Anestesia-se a pessoa com delicadeza, no lóbulo da orelha, assim: «Parabéns, Dovaleh, pérola entre os homens, saiu-te a sorte grande, foste escolhido para participar numa experiência especial na região costeira, nada de demorado, hora e meia ou duas no máximo, que é o tempo limite que um ser humano normal pode estar exposto às pessoas daqui»...

O público ri, e o tipo pergunta surpreendido: Porque é que estão a rir, cambada de idiotas? Isto é sobre vocês!

A assistência ri mais ainda, e ele: Um momento, a ver se nos entendemos, já vos disseram que vocês estão aqui para aquecer o ambiente, antes que o verdadeiro público entre? Assobios, gargalhadas. De alguns pontos da sala chovem vaias prolongadas e pancadas nas mesas, mas a maioria do público está divertido. Um par entra na sala, ambos altos e magros, cabelo louro liso caído sobre a testa: um rapaz e uma rapariga jovens, ou talvez dois rapazes, todos vestidos de couro preto, com capacetes de mota debaixo do braço. O homem no palco lança-lhes uma olhadela e uma ruga fina forma-se-lhe na testa.

Dovaleh não para quieto. De vez em quando acompanha o discurso com um soco rápido no ar e fintas a um adversário imaginário, imitando um *boxeur*. O público delira, e ele, cobrindo os olhos com a mão, pesquisa a sala que já está quase toda no escuro.

É a mim que procura.

Entre nós, meus irmãos, agora devia pôr a mão no coração e dizer-vos que sou doido, completamente doido por Natania! Não é? É, respondem alguns jovens no público. E o gozo que me dá estar convosco numa quinta-feira à noite na vossa encantadora zona industrial, e para mais numa cave, mesmo por cima dos atrativos resíduos de rádio, para vos desfiar um rosário de anedotas de cu, não é verdade? Verdade! –, grita o público em voz alta. Não é verdade, declara o tipo e esfrega as mãos de gozo, é tudo treta, salvo o cu. Porque a verdade, se querem saber, é que eu não posso cheirar a vossa cidade. Tenho-lhe um pó de morte, à vossa Natania. Em cada duas pessoas que vejo na rua, a primeira parece-me

fazer parte de um programa de proteção de testemunhas, e a outra leva no porta-bagagem do carro a primeira enrolada em plástico preto. Podem crer, se não tivesse de pagar a pensão de alimentos a três encantadoras mulheres e mais um-dois-três-quatro-cinco – cinco filhos, uma *hamsa*¹ – mostra ao público a mão com os dedos abertos... Juro, têm aqui à vossa frente o primeiro homem da história que sofreu de depressão pós-parto pelo menos cinco vezes. Ou, mais corretamente quatro, porque dois eram gémeos. Ou antes cinco, se contarmos também a depressão depois do *meu* nascimento. E, no entanto, há pelo menos uma coisa boa no meio desta embrulhada toda, Natania, cidade emocionante, porque se não fossem os meus pequenos vampiros de dentes de leite, nunca me apanhariam aqui esta noite pelos setecentos e cinquenta *shekels* que o Yoav me paga, sem recibo e toma lá e vai-te lixar. Então, *yalla*, meus irmãos, minhas joias, esta noite vamos festejar, vamos desbundar, *palmas para Sua Majestade a rainha Natania!*

Os espectadores aplaudem, um pouco perplexos com a reviravolta, mas arrastados pela exortação calorosa e pelo sorriso doce que ilumina subitamente o seu rosto e o transforma totalmente. A expressão crispada, amarga e irónica desaparece e, como num *flash* fotográfico, surge um rosto intelectual, agradável e delicado, quase simpático, sem a menor relação com o que ele vomita.

E ele, naturalmente, goza com a confusão que cria. Roda lentamente sobre o eixo de uma perna, como um compasso,

¹ Do árabe: cinco. Talismã em forma de mão. (*Todas as notas são da tradutora.*)

e ao terminar a rotação, o rosto está de novo carrancudo e amargo: Ouçam, Natania, tenho uma notícia de arromba para vos dar, não imaginam a sorte que vos coube, porque hoje, precisamente dia 20 de Agosto, é também por acaso o do meu aniversário. Obrigado, obrigado do fundo do coração. Inclina a cabeça com modéstia. Sim, porque neste dia, há precisamente cinquenta e sete anos, o mundo tornou-se um lugar um pouco mais inabitável, obrigado, meus queridos. Atravessa o palco a gingar, a agitar em frente da cara um leque imaginário. É muito simpático da vossa parte, não era necessário, é demais, podem deixar os cheques na caixa à saída, as notas podem colá-las no meu peito no final do espetáculo, quanto aos cupões de sexo grátis podem entregar-me já em mão...

Aqui e ali algumas pessoas erguem os copos à saúde dele. Um grupo de casais entra com grande alarido – os homens batem palmas enquanto avançam – e senta-se nas mesas próximas do que outrora fora um bar. Acenam para ele e as mulheres chamam-no pelo nome. Ele franze os olhos de míope, e retribui-lhes com um aceno hesitante. Volta-se constantemente para a minha mesa no canto da sala. A partir do momento em que entrou no palco procura os meus olhos. Eu não sou capaz de o encarar de frente. O ambiente aqui não me é salutar. O ar que ele respira não me faz bem.

Há aqui alguém que já tenha passado os cinquenta e sete anos? Que levante o braço. Levantam-se alguns. Ele examina-os e grita com admiração: Impressionante, Natania! É uma longevidade de se lhe tirar o chapéu! Pois não é fácil chegar a essa idade na vossa cidade, não é? Yoav, o projetor

sobre o público, para que se veja... Disse cinquenta e sete, minha senhora, não foi setenta e cinco!... Um momento, gente, cada um na sua vez, o Dovaleh chega para todos. Sim, mesa quatro, o que disseste? Tu também cinquenta e sete? Mesmo oito? Incrível! Bravo! Em avanço sobre o teu tempo! E quando é que isso acontece? Amanhã? Os meus parabéns! E como te chamas? Como? Podes repetir? Yor-Yorai? Estás a gozar comigo? É o teu nome ou o do teu curso na tropa? *Yalla*, mano, os teus pais lixaram-te à grande, não foi?

O homem chamado Yorai ri com gosto. A mulher gorda encostada a ele acaricia-lhe a careca com movimentos circulares.

E essa que está ao teu lado, mano, a marcar o território, é a senhora Yoraia? Aguenta, pá... Estavas convencido de que «Yorai» era o último golpe que o destino te pregava, não é? Tinhas apenas três anos quando te apercebeste do que os teus pais te fizeram. Dovaleh passeia devagar pelo palco, a tocar um violino imaginário. Estavas sozinho e abandonado num canto do jardim infantil, a morder uma cebola que a tua mãe tinha metido na pasta, e a olhar para as crianças que brincavam umas com as outras e a dizer para ti: «Coragem, Yorai, o raio não bate duas vezes no mesmo sítio»... *Surprise**! *Aqui bateu duas vezes!* Boa noite, Yoraia! Diz lá, boneca, queres partilhar connosco, assim, entre amigos, e contar-nos a surpresa marota que estás a preparar para o teu marido, para o aniversário dele? A sério, porque eu olho para ti e é como se soubesse o que vai na tua cabeça agora: «Como é o

* As palavras em itálico seguidas de asterisco estão tal qual no original.

teu aniversário, meu querido Yorai, ofereço-te a noite, mas livra-te de fazer o que tentaste no dia 10 de Julho de 1986!» O público escangalha-se a rir, incluindo a senhora cujo riso lhe estremece a cara. Agora diz lá, Yoraia – ele baixa a voz num sussurro –, entre nós, achas mesmo que todos esses colares e correntes conseguem esconder os teus vários queixos? Não, a sério, e achas que é justo nestes tempos de apertar o cinto, quando no país há imensos casais jovens que têm de contentar-se com um único queixo – ele passa a mão pelo seu queixo recuado, quase inexistente, que por momentos lhe dá um ar de roedor amedrontado – e tu andas para aí a pavonear-te com dois, espera: três! Senhora, a pele desse papo dava para mais uma fila de tendas de Ocupas na alameda Rothschild!

Risos dispersos entre o público. O sorriso entre dentes da senhora é algo tenso.

E a propósito, Natania, já que estamos a falar da minha teoria económica, quero salientar desde já e para que não haja dúvidas, que sou geralmente a favor de uma reforma global do mercado de capitais! Para, respira fundo, pousa as mãos nas ancas e dá uma risada: Um génio, é o que eu sou, juro, saem-me da boca para fora coisas que nem eu próprio entendo! Escutem bem, há pelo menos dez minutos que tenho a firme convicção de que os impostos devem ser exclusivamente proporcionais ao peso da pessoa, um imposto da carne! Mais um olhar na minha direção, um olhar perplexo, quase assustado, que procura em mim o rapaz esguio de que ele se lembra. Há algo mais justo do que isso, digam? Mais imparcial neste nosso mundo! E volta

a levantar a camisola até ao queixo, desta vez enrolando-a num movimento lânguido, de sedução, revelando um ventre cavo com uma cicatriz a toda a largura, um peito estreito de costelas assustadoramente salientes, coberto por uma pele esticada, seca e coberta de chagas. Pode ser calculado de acordo com os queixos, como dissemos, mas por mim pode igualmente ser progressivo. A camisola continua enrolada. Algumas pessoas fitam-no com repulsa, outras viram a cara, soam alguns assobios. O próprio observa as reações com um entusiasmo manifesto, ávido. Exijo um imposto progressivo sobre a carne! Calculado em função dos pneus da cintura, da pança, do rabo, das pernocas, da celulite, das maminhas dos homens, e daquela banhazinha aqui em cima nos braços das mulheres! E o que é fixe no meu método é que não se pode fazer batota: engordas – pagas! Finalmente deixa cair a camisola. Juro pela minha saúde que não percebo qual é a ideia de cobrar impostos a quem ganha dinheiro. Qual a relação? Escutem, Natania, escutem-me bem: só se deve cobrar impostos a quem o Estado considerar haver razões para pensar que está na maior, que é jovem, saudável, otimista, que fode de noite e assobia de dia. É só a estes estupores que há que cobrar, e a eles sim, é arrancar-lhes a pele sem dó nem piedade!

A maioria do público aplaude em sinal de aprovação, mas a minoria, os mais jovens da sala, fazem beicinho, gritam e assobiam. Ele limpa o suor da testa e das faces com um lenço vermelho, um lenço enorme de palhaço de circo, e deixa os dois grupos insultarem-se mutuamente para seu gozo. Entretanto recupera o fôlego, coloca a mão em pala

por cima dos olhos e volta a procurar o meu olhar, teima em encontrá-lo. E eis agora – um lampejo partilhado que, espero, ninguém para além de nós consegue detetar. Vieste, diz o olhar dele, olha o que o tempo fez de nós, olha, estou aqui à tua frente, não tenhas compaixão.

Desvia logo o olhar e levanta um braço para tranquilizar o público: O quê? Não ouvi... Fala alto, mesa nove, sim, explica-me primeiro como é que vocês fazem isso, porque eu nunca consigo perceber... o quê o quê? A cena da junção das sobrancelhas! Não, diz lá, desbobina, cosem-nas uma à outra ou quê? É o que vos ensinam no centro de instrução militar da comunidade? De repente põe-se em sentido e canta a plenos pulmões: *Duas sobrancelhas para o Jordão! Isto é nosso, está à nossa mão!*¹ O meu pai, malta, era um partidário fervoroso de Jabotinsky, respeitinho! De algumas mesas elevam-se aplausos vigorosos, e também protestos. Ele interrompe-os com um movimento de mão casual. Fala, mesa nove, fala à vontade, eu pago a conversa. O que disseste? Não, não é uma piada, Gargamel, é mesmo o meu aniversário, precisamente a esta hora mais ou menos, no velho hospital Hadassah, em Jerusalém, a minha mãe, Sara Grinstein, sofreu para me dar à luz! Inacreditável, não é? Uma mulher que, segundo ela, apenas queria o meu bem, e apesar disso deu-me à luz! Pensem quantos julgamentos, prisões, investigações e séries policiais existem por

¹ Jogo de palavras entre *gadot* (margens) e *gabot* (sobrancelhas). Referência ao hino do partido Betar, composto pelo líder da direita sionista «revisionista», Zeev Jabotinsky, alusivo à reivindicação ao domínio sobre as duas margens do Jordão.

homicídio! Mas nunca ouvi que houvesse um único julgamento por nascimento! Nem por nascimento premeditado, nem por nascimento por negligência, ou por acidente, nem sequer por incitamento ao nascimento! E não esqueçam que se trata de um crime cuja vítima é um menor! Abre a boca e abana-se para se refrescar, com ar de quem sufoca: Há algum juiz na sala? Ou advogado?

Eu encolho-me na cadeira. Não deixo que o olhar dele me agarre. Felizmente, três casais jovens sentados não muito longe de mim levantam os braços. São estudantes de Direito numa faculdade qualquer. Fora!, grita ele numa voz ameaçadora, a agitar os braços e as pernas, e o público lança-lhes assobios de desprezo. O anjo da morte – continua ele com um riso sufocado – dirige-se a um advogado e diz-lhe que veio para o levar. Este chora, geme: «Mas eu só tenho quarenta anos!» O anjo da morte responde: «Não de acordo com as horas que cobras aos teus clientes!» Um soco rápido, uma volta completa sobre o eixo do corpo, e os estudantes riem mais do que os outros.

Agora no que respeita à minha mãe. O rosto fica sério. Peço a vossa atenção, senhoras e senhores jurados, é um assunto de importância capital. As más-línguas dizem, e eu limito-me a citar, que quando a deixaram pegar em mim, logo a seguir ao parto, ela pareceu sorrir, talvez até de *felicidade*. Naaada disso, digo-vos! Não passam de boatos maliciosos e calúnias grosseiras! O público ri. Bruscamente, o homem cai de joelhos no palco e inclina a cabeça. Perdoame, mãe, fiz merda, traí-te, voltei a vender-te por uma gargalhada. Sou uma puta do público, não tenho cura... Põe-se

de pé num salto. Este movimento rápido parece causar-lhe tonturas, porque vacila. Agora a sério, fora de brincadeiras, era a mãe mais linda do mundo, juro, já não se fabricam classes daquelas, olhos azuis enormes – afasta os dedos o mais possível frente ao público, e eu recorro o azul luminoso e profundo dos olhos dele quando era miúdo – e a mais treloucada e triste do mundo – traça uma lágrima no canto do olho ao mesmo tempo que a boca se arredonda num sorriso. É assim, foi o que nos coube em sorte, não me queixo. E aliás o meu pai também era bastante fixe. Interrompe-se, coça vigorosamente as raízes dos cabelos dos dois lados da cabeça. Ah... deem-me um momento e já vos digo uma coisa... Ah sim! Era um cabeleireiro fora de série e a mim não me levava um cêntimo, embora fosse contra os seus princípios...

E volta a lançar-me um olhar. Para ver se eu rio. Mas eu nem tento fingir. Mando vir uma cerveja e um *shot* de vodca. Como ele próprio disse, é preciso um sedativo para passar por isto.

Sedativo? Anestesia total é do que eu preciso.

Ele recomeça a correr de um lado para o outro no palco. Como quem se impele para a frente, cada vez mais pra diante. Um único foco de luz ilumina-o de cima, e as sombras fervilhantes de vida acompanham os seus movimentos que se refletem, com um atraso insólito, no bojo de uma grande jarra em bronze que se encontra atrás dele, junto à parede, provavelmente o resto de um cenário em tempos aqui levado à cena.

*À propos** do meu nascimento, Natania, consagremos meio minuto a esse acontecimento cósmico, porque eu – não falo

de agora que estou no *top do top* do mundo do espetáculo, *sex-symbol** dos palcos –, para, acena com a cabeça em sinal de aprovação, sempre com a boca aberta, dá tempo às pessoas para acabarem de rir – eu, no meu tempo, nos alvares da minha autobiografia, ou seja, quando era pequeno, era cá um tarado, devem ter-me ligado os parafusos todos ao contrário, vocês não imaginam o puto chalado que eu era... Não, a sério – sorri –, querem rir, Natania? Querem mesmo partir a moca? Que pergunta idiota! Ralha consigo próprio. Alô! É uma noite de *stand-up*, ainda não meteste isso na cabeça? *Idiota!* E de súbito bate na testa com a mão aberta com uma força inacreditável: Foi para isso que eles vieram! Para rir à tua custa. Não é, meus irmãos?

A pancada na testa foi um golpe tremendo. Uma explosão de violência inesperada, uma fuga de informação obscura que nada tem a ver com este lugar. Silêncio total. Alguém trinca um rebuçado e o som ouve-se em toda a sala. Porque é que ele insistiu em que eu viesse? Para que precisa ele de convidar um assassino a soldo? Ele fá-lo bastante bem sozinho, penso para mim.

Querem ouvir uma história, exclama ele, como se a pancada não tivesse existido. Como se a testa dele não tivesse uma mancha branca a tornar-se vermelha, e como se os óculos não tivessem ficado à banda no nariz. Uma vez, tinha eu talvez doze anos, decidi que havia de investigar o que tinha acontecido nove meses antes de eu nascer que excitou de tal modo o meu pai que o levou a saltar sobre a minha mãe daquela maneira. E fiquem sabendo que, para além de mim, não se viram quaisquer provas daquela ação

vulcânica nas calças dele. E não é que ele não gostasse dela, nada disso, porque tudo o que aquele homem fez na vida desde que abria os olhos de manhã até que ia dormir, todos os esquemas com os armazéns, os tráficos de *scooters*^{*}, de peças sobresselentes, os trapos, os fechos-éclair e as patentes – façam de conta que percebem do que estou a falar, *okay*, Natania –, para ele todos esses disparates, mais do que biscates, mais do que tudo, era apenas para a impressionar, para que ela sorrisse para ele, para que lhe fizesse festinhas na cabeça: cãozinho bom, cãozinho bom. Há homens que escrevem poemas para as suas amadas, não é? É, respondem algumas vozes no público, ainda um pouco assustadas. E outros há que lhes cantam serenatas, não é? É! Juntam-se outras vozes fracas. E há aqueles, digamos, que lhes compram diamantes, *Penthouses*, 4x4, clisteres de *design*, não é? É-é! Gritam agora muitas vozes, desejosas de o satisfazer. E há outros, como o meu velho, que compra duzentos *jeans* falsos a uma velha romena na rua Allenby e os revende depois no quarto das traseiras do cabeleireiro, como se fossem Lewis originais, e tudo isso para quê? Tudo para poder mostrar-lhe à noite num pequeno bloco de notas quantos cêntimos ganhou...

Para, o olhar perdido no vazio, e por momentos, inexplicavelmente, o público sustém a respiração como se tivesse visto algo ao mesmo tempo que ele.

Mas tocar nela realmente, como um homem toca numa mulher, ou mesmo digamos apenas uma festinha no traseiro, de passagem no corredor, como quem molha o bico – é coisa que nunca o vi fazer. De modo que digam-me, então,

meus irmãos, já que vocês são pessoas inteligentes, pois escolheram viver em Natania, expliquem-me aqui e agora porque é que ele não lhe tocava? Hã? Só Deus sabe, *fucking**. Um momento... Ergue-se nos bicos de pés e pisca os olhos para o público com um olhar excitado e cheio de gratidão. Vocês querem mesmo ouvir? Apetece-vos ouvir histórias da carochinha da minha real família? Aqui o público divide-se: uma parte exulta e encoraja-o, a outra grita para que comece a contar anedotas para rir. Os dois *motards* pálidos com fatos de couro negro batem com as quatro mãos na mesa, fazendo dançar os copos de cerveja. Não se percebe bem quem é que eles apoiam, se calhar apenas se divertem a atear o tumulto. Ainda não consegui identificar se são dois rapazes, um rapaz e uma rapariga, ou duas raparigas.

Basta, não é verdade, a verdade verdadinha é que o que vos apetece agora é a telenovela da dinastia Grinstein, não é? Não, então deixem-me entender, Natania, será alguma tentativa vossa para decifrar o mistério da minha personalidade magnética? Desfere-me um olhar divertido, provocador. Vocês acreditam mesmo que vão conseguir aquilo em que todos os investigadores universitários se espalharam à grande? O público quase todo bate palmas. Pois então são mesmo meus irmãos! Somos manos, Natania! Uma aliança de cidades gémeas! Enternece-se e abre uns olhos enormes que agora refletem uma inocência infinita. Grandes risadas do público. As pessoas sorriem umas para as outras. Até a mim vêm parar alguns sorrisos extraviados.

Ele está na beira do palco, as pontas bicudas das botas a ultrapassar, e conta pelos dedos da mão as hipóteses:

Um! Talvez o meu pai a admirasse demasiado, a ponto de ter medo de lhe tocar. Dois! Talvez lhe metesse nojo a ela vê-lo andar pela casa com uma rede para cabelos negra depois de lavar a cabeça. Três! Talvez fosse por causa da *Shoah* dela, e por ele não ter participado nela, nem sequer como estatística? Quero que percebam, o tipo não só não foi assassinado, como nem sequer foi *ferido* na *Shoah*! Quatro! Talvez vocês e eu ainda não estejamos preparados para conhecer os nossos respetivos pais? O público ri, e ele – o cómico, o palhaço – volta a saracotear-se pelo palco. Os seus *jeans* estão rotos nos joelhos, mas ele usa suspensórios vermelhos com fivelas douradas, e tem estrelas de xerife prateadas presas nas minúsculas botas de *cowboy*. Reparo agora que na sua nuca dança uma trança pequena e fina.

Em resumo, só para terminar a história e dar início ao espetáculo, este vosso criado abriu o calendário, folheou precisamente nove meses para trás a partir do seu nascimento, encontrou a data, e precipitou-se para a pilha do jornal *Herut*, o jornal de Jabotinsky que o meu pai colecionava e que enchia metade de um quarto da nossa casa, a outra metade era para os trapos que ele vendia, para os *jeans*, os *hula-hoops*, e os aparelhos ultravioleta para matar baratas, façam...

Façam de conta que percebem, completam alegremente algumas vozes na zona do bar.

Boa, Natania. Mesmo quando ri, o seu olhar é muito concentrado e despido de qualquer alegria, como quem controla o filme no qual se desenrolam as suas anedotas.

E nós os três, ou seja, o material biológico da família, amontoávamo-nos no quarto e meio que estava livre. E a propósito, ele não permitia que deitássemos fora uma única folha daquele *Herut* «a Bíblia das gerações vindouras!», preconizava ele com o dedo no ar e o pequeno bigode todo eriçado como se tivesse levado um choque elétrico nos tomates. E aí, precisamente nessa data, nove meses antes de eu ter emergido e mudado para sempre o equilíbrio ecológico de cavalo para burro, onde é que aqui o vosso amigo pôs o dedo, segundo vocês? Em cheio sobre a campanha do Sinai! Estão a topar? Não é uma loucura, digam lá? Gamal Abdel Nasser anuncia a nacionalização do Canal de Suez e fecha-o nas nossas trombas, e o meu pai, Hezkel Grinstein de Jerusalém, um metro e cinquenta e nove, peludo como um macaco e com lábios de rapariga, não hesita um segundo sequer e vai abri-lo! De modo que se pensarmos bem, eu sou uma espécie de ação de represália! Estão a ver? Eu sou o primeiro ajuste de contas! Entendem? Há a campanha do Sinai, a batalha de Karamah, a operação Entebbe, a operação quero lá saber, e a campanha Grinstein, sobre a qual ainda não é o momento de revelar todos os pormenores, mas de que possuímos uma gravação rara, embora a qualidade sonora não seja das mais famosas: «Abre as pernas, Senhora Grinstein. E toma lá disto, ditador do Egito!» Bum bang bang! Perdão, mãe! Perdão, pai! As minhas palavras foram tiradas do contexto! Voltei a trair!

E com estas palavras bate novamente na cara com as duas mãos com uma violência inaudita. Uma vez, outra e outra.

Durante uns segundos sinto na boca o sabor a metal enferrujado. A meu lado, as pessoas encolhem-se nas cadeiras e as pálpebras tremem. Na mesa contígua uma mulher segreda algo ao marido com firmeza e agarra na mala. Ele pousa a mão na coxa dela para a deter.

Agora, Natania *mon amour*^{*}, sal da terra, a propósito, não é verdade que sempre que uma pessoa aqui na rua te pergunta que horas são, o mais provável é que seja um bufo? Estou a reinar! Ele encolhe-se todo, franze o sobrolho e rola os olhos em todos os sentidos. Haverá por acaso aqui algum Alperon entre o público, para lhe prestarmos homenagem? Ou um Abutbul? E da malta do Dedé, está aqui alguém? E o Bebert Amar? Ou alguém da família de Boris Elkosh? E será que temos a honra de contar entre nós com a presença de Tiran Shirazi? Ben Suthi? A família de Hanania Elbaz? Eliahu Rustachvili? Shimon Buzatov?

Alguns aplausos tímidos juntam-se aos poucos à ladainha. Tenho a impressão de que ajudam as pessoas a libertar-se da paralisia que há momentos as acometeu.

Não, grita ele, não me entendam mal, Natania, isto é um reconhecimento prévio! Sempre que parto em *tourné*, começo por consultar o Google Riscos...

Neste ponto, fica subitamente exausto. Como se se esvaizasse de uma só vez. Pousa as mãos nas ancas e arqueja. Os olhos escancarados, parados no vazio e enfiados nas órbitas como os de um velho.

